

O TÉDIO E MODERNIDADE EM BAUDELAIRE

LUIS HENRIQUE SANTOS RIBEIRO

Graduando do curso de Licenciatura em Filosofia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES)

Campus de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Contato: ribeiro.fil.26@gmail.com

Resumo: O seguinte artigo tem o objetivo de discutir o *spleen* (tédio) enquanto conceito relacionado a melancolia no poeta francês Charles Baudelaire, explorando num primeiro momento a relação da modernidade com o tédio e, posteriormente, suas características a partir da leitura de seus poemas em verso e em prosa, além de uma leitura sobre a relação entre tédio e a produção poética.

Palavras-chave: Tédio. Baudelaire. Modernidade. Estética. Melancolia.

75

1. INTRODUÇÃO

O advento da Modernidade é marcado em primeira análise pelos avanços no campo do pensamento, principalmente o pensamento científico. Os avanços nas diversas ciências são as características mais evidentes do período moderno. Contudo, a possibilidade desse fato se dá devido a mudança na percepção sobre o campo de ação do homem. O progresso científico, tão memorável, só foi possível a partir da elaboração da ideia de um homem individual, capaz de pensar e agir com responsabilidade autônoma.

Com a crise do mundo medieval, que fundou bases para o movimento renascentista do século XVI, o homem comum que outrora era visto apenas como um servo inapto a falar com Deus, começou a empreender no campo da ação livre, algo inovador proveniente da

transição do período medieval para o moderno. O homem que não possuía individualidade de ação, ou seja, suas ações eram motivadas pelo externo, pelas autoridades eclesiásticas que falavam em nome do Criador, agora estava navegando rumo ao “Novo Mundo”, e reconhecendo sua própria existência ao assinar pela primeira vez suas pinturas.

Posteriormente, com a Reforma, esse horizonte da individualidade se tornou mais amplo: a partir de agora o homem não precisa de intermediários para chegar a Deus, ele pode fazê-lo de forma autônoma. Nessa conjuntura, o cogito cartesiano inaugura a noção de subjetividade moderna, contribuindo para a construção do indivíduo moderno. Contudo, apesar desse período ser tido como auge do pensamento humano, livre da maior parte das restrições subjetivas, o paradoxo da liberdade surge nesse contexto: ora, se tudo o homem pode fazer, o que deve ser feito? Como ter certeza de que algo é verdadeiro ou falso? O que vale a pena ou não?

O presente artigo tem como objeto discutir um aspecto da modernidade: a incerteza, ou melhor, a aceitação da incerteza, a partir do tédio baudelariano. Em nossa análise do termo *spleen*, buscamos evidenciar as dimensões deste fenômeno como um mal moderno decorrente da crise do indivíduo, além de analisar o vinho e a poesia como duas pretensas curas para o mal moderno.

76

2. A MODERNIDADE E O TÉDIO

O poeta e crítico de arte francês Charles Baudelaire viveu numa época de intensas mudanças na estrutura física e espiritual de Paris. O período do Segundo Império, sob a liderança de Napoleão III, foi marcado pelas ações do Barão Haussmann na urbanização da cidade, que se tornou a primeira metrópole moderna da Europa. A estrutura do medievo ainda era presente, os bairros eram estreitos, os prédios de tamanhos irregulares, o saneamento e iluminação praticamente

inexistentes. A empreitada de Napoleão III e Haussmann tinha como objetivo demonstrar que Paris estava seguindo os ares modernos, a partir da afirmação do poder político do imperador. As ruas foram alargadas, os famosos *Boulevards*, avenidas largas e ornamentadas, com lojas, cafés e livrarias, os prédios antigos foram demolidos e em seu lugar foram construídos novos com uma arquitetura moderna, os sistemas de saneamento e iluminação foram exponencialmente melhorados.

Contudo, essas mudanças como já dito não buscavam somente seguir a tendência moderna, mas possuía um caráter político e militar. Como havia ocorrido muitas revoltas populares em períodos anteriores, as ruas tortuosas e estreitas favoreciam a construção de barricadas e dificultavam a vigilância e movimentação de tropas militares. A ampliação das ruas era uma solução, as ruas eram largas e os prédios de tamanho igual, permitindo a livre movimentação militar para conter possíveis revoltas e uma visibilidade maior, além de tornar inviável a construção de barricadas. Mas, apesar da beleza da nova Paris nascente, as consequências sociais são inegáveis, uma vez que a população que morava nos locais reformados foi obrigada a se deslocar para as extremidades de Paris. E a título de comparação, uma reforma urbana ocorreu de 1903 a 1906 no Brasil, na até então capital do país, o Rio de Janeiro, em que a modernização do centro expulsou a população pobre que se refugiou nas extremidades, dando origem às favelas.

Nesse contexto, a leitura da obra de Baudelaire pode ser interpretada como um retrato da vida do homem moderno, nesse caso, do próprio poeta enquanto homem moderno. Com a mudança na estrutura de Paris, as ruas se tornaram mais amplas, logo mais pessoas podiam transitar nelas, as grandes multidões se tornaram comuns. O pensador Walter Benjamin em seu livro *Baudelaire e a modernidade* caracteriza a multidão do poeta:

Por outro lado, esclarece-nos sobre o que devemos entender propriamente por tais massas. Não se pode falar aqui de uma classe nem de um coletivo estruturado. Trata-se, nada mais, nada menos, da multidão amorfa dos transeuntes, do público das ruas. Essa multidão, cuja existência Baudelaire nunca esquece, não lhe serviu de modelo para nenhuma das suas obras, mas impregna a sua criação como uma figura oculta [...] (BENJAMIN, 2017, p. 116).

A multidão não é descrita nos poemas de Baudelaire, mas ela está tão presente que não permite nenhuma delimitação: é como um fantasma que perpassa os poemas e a própria vida do poeta. Nas palavras de Benjamin “As massas eram o véu em movimento através do qual Baudelaire via Paris” (2017, p. 120), pode-se assumir que essa categoria da poesia do francês é indispensável para a leitura do termo *Spleen*, devido a relação da multidão que habita Paris, e do tédio que se manifesta na sua existência.

O conjunto de poemas contidos no seu livro *Les fleurs du mal* (1857) intitulado *Spleen et idéal* pode ser interpretado através da contextualização anterior como um relato sobre e do homem moderno. No poema *O Albatroz*, Baudelaire fala sobre o voo e a queda, o poeta que busca o ideal, a permanência, a certeza, o eterno, mesmo com as asas da possibilidade, caem pela ação *Spleen*, o tédio:

Poeta lembra muito o príncipe dos céus,
Que enfrenta a tempestade e olha o arqueiro com esgar
Quando em terra exilado, em meio aos escarcéus,
As asas de gigante impedem-no de andar (BAUDELAIRE, 2019, p. 39).

O poeta tem um grande impulso em direção ao ideal, porém já não é possível alcançá-lo, pois apesar do olhar de desdém durante seu voo, o arqueiro observa atentamente o enorme pássaro, esperando sua inevitável queda, esse arqueiro é o tédio. O *Spleen* parece ter sido superado pelo breve voo, mas com a queda do poeta, ele o observa se arrastar com suas

enormes asas, suas desilusões. O progresso é uma das faces da modernidade, assim como a decadência, a urbanização de Paris e o afastamento das pessoas mais miseráveis da luz plena do centro urbano, evidenciam que uma coisa não seria possível sem a outra. O título *As flores do mal* é um sintoma desse movimento, a beleza, a luz, nascida da pobreza e da desgraça, a busca pelo ideal motivada pelo tédio.

Os animais normalmente se assustam com a presença humana e se afastam, o arqueiro nesse trecho do poema, representa o tédio, uma força que pode estagnar com sua flecha, ou seja, “matar” temporariamente, ou apenas assustar com sua silhueta a grande ave, que voará para longe, até que o tédio decida derrubar o ser. O tédio em Baudelaire possui essa dimensão imperiosa, capaz de empurrar, mas também de derrubar, ela é uma condição do homem moderno, que não pode ser retirada ou curada.

Não há possibilidade real de se alcançar o ideal, apesar das tentativas do poeta, se alguma vez foi possível, é algo perdido como afirma Benjamin, o tédio é a experiência que desvela essa realidade. “O ideal 79 fornece a energia da rememoração; o *spleen* contrapõe-lhe a infinitude dos segundos. Este é seu soberano, como o demônio é o senhor das moscas” (BENJAMIN, 2017, p. 138). Dessa forma, o sujeito moderno perdeu o ideal, não no sentido de perda absoluta (ou do absoluto), mas de uma “perda de vista”. Em meio a multidão ele está oculto. Numa analogia, a passagem do Evangelho de Mateus ilustra o cenário moderno “Entrai pela porta estreita, porque largo e espaçoso é o caminho que conduz à perdição. E muitos são os que entram” (*Mat*, 7, 13).

O espaço amplo dos *Boulevards* onde as multidões se movem em dois fluxos, ida e vinda, de forma indiferente uns aos outros, indiferente a qualquer ideal, revela o mal moderno, o pior dos pecados, eis o *Spleen* (tédio), a perdição. A modernidade, nesse sentido, é uma era paradoxal: ao mesmo tempo que se separa de tudo o que é medieval, acolhe em seu

ser o tédio, essa forma moderna de pecado, a qual os poemas de Baudelaire terão sempre em vista.

3. A MELANCOLIA MODERNA: *SPLEEN*

O conceito de melancolia remonta a Antiguidade, mais precisamente ao pensamento de Hipócrates de Cós (460 a.C-370 a.C.) e é descrito a partir dos quatro humores: sangue, bile amarela, bile negra e fleuma, em que o excesso da bile negra era a causa da melancolia. Esse tema foi abordado por uma obra atribuída a Aristóteles (384 a.C-322 a.C.) em seu célebre texto *Problema XXX, 1* em que associa a característica melancólica ao gênio. Na idade média, a melancolia era caracterizada como *acedia*, um profundo desânimo espiritual, um silêncio da alma, considerada um pecado. No Renascimento, o pensamento aristotélico é recuperado e, posteriormente, a melancolia se torna um ideal estético dos românticos do século XVIII e XIX.

O *Spleen* é a melancolia de Baudelaire. O termo vem do inglês, é significa baço, na tradição, o órgão é a sede da bile negra, como um dos precursores do Simbolismo, buscava desvanecer o caráter da melancolia romântica e contemplativa. Ao se alojar num órgão, o caráter de doença, ou seja, de algo que afeta a saúde do corpo pelo excesso, evidencia não só o excesso da bile negra, mas a própria ideia de excesso como consequência desse primeiro. No poema de abertura das flores, *Au Lecteur*, se lê os impulsos terríveis desencadeados pelo *spleen*, pelo tédio:

O disparate, o erro, o pecado, a cobiça
Desgastam nosso corpo e ocupam nossa mente,
E alimentamos nosso remorso indulgente,
Como o mendigo à vermina que nele viça (BAUDELAIRE, 2019, p. 14).

80

O que é, então, o tédio? Como se caracteriza esse algo que move o homem a cometer tantos atos odientos que, após realizados, enfraquecem o corpo e fortalecem a doença. É um exercício difícil, o de definir com exatidão o que é o tédio. Apesar da experiência do tédio ser algo comum na vida cotidiana, como na espera de uma consulta, em que se busca de algum modo aniquilar aquele espaço entre a espera e a voz do médico chamando seu nome. Em Baudelaire essa experiência ganha mais gravidade, o espaço entre o agora e o depois se torna infinito e angustiante, aguardar a voz do médico é como uma estadia no purgatório aguardando o chamado de Deus. Assim, justamente no espaço intermediário entre o inferno e o paraíso, o silêncio e a inutilidade da ação são abarcadas na caracterização do *spleen*.

Nos pequenos tédios da vida cotidiana, o homem procura artefatos para lidar com o silêncio angustiante, com o desânimo que desvia qualquer sentido em relação a qualquer ação. Esses artefatos podem ser menos danosos, tais como, ouvir uma música, ter uma conversa ou ler um livro, etc. Mas, assim como a dinâmica entre um viciado e seu vício, a dose sempre deve ser maior para que seu efeito se manifeste, é necessário estar sempre sob o efeito de algum estímulo para fugir do tédio. Nos seus poemas em prosa, *Spleen em Paris*, o poeta afirma essa verdade: “É preciso estar sempre ébrio. Essa é toda, essa é a única questão. Se não quisesdes mais sentir o terrível fardo do Tempo que vos dobra as costas e vos curva ao chão, é preciso que vos embriagueis sem trégua” (BAUDELAIRE, 2020, p. 81), O tempo moderno e o *spleen* estão inseparavelmente ligados, revelando que a consciência do tempo é o terror do homem.

O tempo não é mais um ponto A a B, o agora e o depois. Nessa relação causal, aguardamos e ansiamos por algo, mas o tempo não é mais uma ponte entre os momentos: o tempo mostra-se como a inexistência de uma ponte, como uma ausência infinita. O poema *O Desespero da velha*

revela o desejo por algo que possa aplacar o tempo, o tédio, a frustração da velha é um sintoma desse grande mal:

Então a boa velhota retirou-se para a sua solidão eterna, e chorava num canto qualquer, dizendo consigo mesma: “Ai de nós, pobres fêmeas envelhecidas, já não agradamos a ninguém, nem mesmo aos inocentes – e metemos medo às criancinhas que gostaríamos de amar!” (BAUDELAIRE, 2020, p. 10).

As passagens “já não agradamos a ninguém” e “gostaríamos de amar!” relatam o desejo de um objeto para ir de encontro, mas nunca se chega em lugar nenhum: o objeto está no passado e é inacessível. Não há sentido em fazer qualquer coisa, tudo que resta é o desejo de alcançar o ideal, mas o cansaço da jornada infrutífera abate o homem, que aceita ser arrastado pelo tédio, como se estivesse em alto mar, como descreve o poema *O gosto pelo nada*:

82

Espírito vencido! velho salteador,
Não mais te aprazem nem o amor nem a disputa;
Cantos, cicios dos sopros, nada mais se escuta!
Prazeres, não tenteis mais um ser sensabor!
A amável Primavera perdeu seu odor! (BAUDELAIRE, 2019, p. 243).

Eis o tédio, o pior dos vícios e dos pecados. Para se manifestar e não precisa de outros vícios e pecados, nem para se manter ativo, uma vez que, ao negar-lhe essas ações, ele desapareceria, seria superado. De fato, ele é o pior e o mais terrível pois não precisa de nada para existir, ele leva o homem a decadência por nenhum motivo, não há uma moral no tédio, apenas o tédio:

Há um mais feio, mais maligno, mais imundo!
Mesmo sem grandes gestos e sem grandes gritos,
De bom grado da terra faria detritos

E com um só bocejo engoliria o mundo;

É o Tédio! – com o olhar de pranto vacilante,

Fumando o narguilé, sonha um enforcamento.

Tu conheces, leitor, esse monstro incruento,

– Leitor irmão – hipócrita – meu semelhante! (BAUDELAIRE, 2019, p. 29).

A analogia do *spleen* com o silêncio é útil para uma tentativa de delimitação do conceito. No silêncio, qualquer som pode quebrar sua existência, porém, o som não dura para sempre, logo cessa e, ao cessar, resta o silêncio, o motivo por trás do som e o que resta depois dele. Não importa o quão alto e longo seja o som produzido, ele cessará, os atos do homem entediado sempre precisam se superar, se inovar, na esperança de conseguir se livrar do tédio, mas é inútil, não há eternidade. Então, se nada adianta, se nada tem sentido, se o tédio só leva a degradação, seria a morte uma forma de fuga definitiva? “Sonha um enforcamento”, o eu lírico fantasia com a morte. O que ela significa para Baudelaire?

No conjunto dos quatro poemas denominados *Spleen* contidos em *Spleen e Ideal*, é possível encontrar algumas possíveis respostas sobre a categoria da morte na poesia do poeta francês. No primeiro *spleen* é possível observar o eu lírico identificado como invernoso, chuvoso, cheira a morte, como se dela estivesse impregnado:

Pluvioso, contra toda a cidade irritado,
De sua urna derrama um frio tenebroso
Em quem, pálido, habita o cemitério ao lado,
E um ar de morte pelo subúrbio brumoso.

Meu gato busca sua areia no lajeado;
Magro e sarnento, agita o corpo sem repouso;
Erra na calha a alma de um poeta alquebrado,
Com a inconsolável voz de um fantasma queixoso (Baudelaire, 2019, p. 233).

O homem moderno, sinônimo do homem entediado, está constantemente num clima nublado e frio, sua morada é o cemitério, o que explica seu o odor que exala, tal qual um cadáver, frio e fétido, porém, o homem também é um ser vivente. A imagem do gato decadente evidencia que apesar das características associadas à iminência da morte, ele não para de se mexer, de modo semelhante, o fantasma é um espírito de um morto, que de algum modo ainda permanece no mundo dos vivos.

Já no segundo *spleen*, a morte se alia à consciência angustiante do tempo que o tédio proporciona. Neste estado, a morte acontece constantemente, o homem é um morto-vivo condenado:

Nada se mede aos dias lentos, vacilantes,
Quando o tédio, nos anos de neves constantes,
Sendo o fruto da mais triste incuriosidade,
Assume as proporções de uma imortalidade.
- Daqui em diante não és mais, ó matéria viva!
Que um granito, cercado por suspeita esquiva (BAUDELAIRE, 2019, p. 235).

84

O eu lírico, apesar de continuar vivo, é associado ao granito, que pode ser usado para a criação de lápides, além de que a rocha é comumente fria como os cadáveres. O homem moderno inserido num ambiente de inovações e da abertura das possibilidades do indivíduo, é semelhante ao rei do terceiro *spleen*, que apesar de seu poder, é incapaz, um jovem envelhecido (cf. BAUDELAIRE, 2019, p. 237).

No último dos *spleens*, observa-se um cortejo silencioso que é o caminhar cotidiano do homem moderno:

Longos féretros, sem música nem tambores,
Desfilam em minha alma; chora, passageira,
a Esperança, e a Angústia, com os seus rigores,
Planta em meu crânio penso uma negra bandeira (BAUDELAIRE, 2019, p. 239).

Em meio ao caminhar pode-se encontrar algo para aplacar temporariamente o tédio, esquecer-se do tempo e da morte, porém, logo chega a hora da angústia, quando a consciência retorna, sob a bandeira do luto. Desse modo, o *spleen*, o tédio, é uma condição do homem moderno que o desanima, o deixa sempre doente e indisposto. Essa sua indisposição é fruto da consciência do tempo que o sufoca e causa a angústia: a sensação de estar morto se impregna como um perfume terrível. É necessário sempre buscar esquecer do tempo, o tédio pode ser encoberto por um instante, mas logo se desvela novamente.

Desse modo, o *spleen* é a forma da melancolia na modernidade, o excesso da bile negra que justifica o temperamento melancólico na tradição hipocrática-aristotélica, e o torpor espiritual da *acedia*, se transfiguram numa condição ontológica do homem moderno. O *spleen* não decorre de fatores fisiológicos como na tradição médico-filosófica, e nem não se manifesta necessariamente por uma apatia frente ao divino. A melancolia moderna é a perda do absoluto, e a recusa dessa perda, manifesta-se na busca pela elevação que nunca se alcança, e nesse desencanto, o tédio se revela de forma mais intensa.

85

4. A FUGA DO TÉDIO: VINHO E POESIA

O peso do tédio é uma realidade do homem moderno e a poesia de Baudelaire denuncia essa condição. O reconhecimento do *spleen* não como mero aborrecimento momentâneo, mas como algo inerente ao ser, como uma característica profunda que molda o caráter, que o leva a caminhos degradantes e pecaminosos. O poeta quer em *Ao Leitor* e no decorrer das flores, apontar a inevitabilidade do tédio. Nos dois últimos versos do poema, afirma que seu leitor conhece o mal que é o tédio. Porém, apesar de semelhante em relação ao poeta, ele o considera hipócrita (cf. BAUDELAIRE, 2019, p. 29). Mas o que isso significa? Apesar da natureza inevitável do *spleen*, o leitor tenta continuamente aplacá-lo,

superá-lo. Ocorre que ao fazer isso, apenas afirma que está fugindo de algo, mas isso aparentemente não é percebido em meio a qualquer tipo de embriaguez. Em *Embriagai-vos*, a necessidade de estímulo constante é recomendada para cessar temporariamente a consciência do tempo, “Mas de quê? De vinho, de poesia ou de virtude, como quiserdes. Mas embriagai-vos” (BAUDELAIRE, 2020, p. 81) O vinho e a poesia são particularmente destacados no início do poema e novamente em suas linhas finais: são os dois alimentos de que podemos nos embriagar.

No ensaio *Paraísos artificiais*, cujo título reforça a ideia da fuga: num primeiro momento como esperança do ideal alcançado, porém, num segundo se perde a graça. No referido ensaio o vinho é belissimamente elogiado. O vinho tem o poder quase divino de iluminar e dar gosto a vida do homem, além de poder livrá-lo do sofrimento:

Profundos prazeres do vinho, quem não os conhece? Quem quer que tenha tido um remorso a aplacar, uma lembrança a evocar, uma dor a esquecer, um castelo na Espanha a construir, todos enfim já o invocaram, deus misterioso escondido nas fibras da videira. Como são grandes os espetáculos do vinho, iluminados pelo sol interior! Como é verdadeira e abrasadora esta segunda juventude que o homem dele retira! (BAUDELAIRE, 2011, p. 160).

86

Entretanto, apesar da luz ser agradável, em uma quantidade excessiva, pode desorientar. O mesmo pode ocorrer com o vinho; ele pode desencadear um descontrole que pode colocar a vida do usuário em perigo. O poeta, no entanto, não condena e sim aponta a condenação como um ato ímpio. Assume que o seu objetivo é descrever os efeitos da bebida:

Mas como são, também, perigosas suas volúpias fulminantes e seus encantamentos enervantes. E, no entanto, digam, do fundo da alma e da consciência, juízes, legisladores, aristocratas, todos vocês a quem a felicidade torna doces, a quem a fortuna torna a virtude e a saúde

fáceis, digam quem de vocês terá a coragem impiedosa de condenar o homem que bebe o gênio? (BAUDELAIRE, 2011, p. 160).

O vinho é tão poderoso, que pode até mesmo “suplantar” o dia mais tedioso: “Sou a esperança dos domingos. O trabalho torna prósperos os dias, o vinho torna felizes os domingos” (BAUDELAIRE, 2011, p. 161). O domingo é o dia em que nada acontece, fica-se na espera do recomeço das atividades cotidianas e, como já foi explicitado, a espera para o homem acometido pelo *spleen* é assombrosa. Mas, mesmo o vinho com a sua “divindade” não dá ao homem nada de novo, apenas aflora o que já existe no interior: “Há bêbados perversos; são pessoas naturalmente perversas. O homem mau torna-se execrável, assim como o bom torna-se excelente” (BAUDELAIRE, 2011, p. 169), logo, não há nenhuma transcendência da situação humana, ele não atinge a satisfação eternamente, a cura do tédio.

Até agora, observamos o tédio como algo inescapável e negativo, que causa aflição num nível ontológico e que tentamos continuamente a fuga, mas acabamos por perceber a inutilidade disso, surge um tédio pior que o primeiro. Mas, na busca de alguma salvação, a poesia surge como uma alternativa, como uma necessidade de agir, de lembrar de um momento aparentemente livre dos sentimentos presentes. Para vislumbrar a beleza, cuja natureza é composta de dois elementos o autor afirma em *O pintor da vida moderna*:

87

O belo é feito de um elemento eterno, invariável, cuja quantidade é muito difícil de ser determinada, e de um elemento relativo, circunstancial, que será – como preferirem: um a cada vez ou todos ao mesmo tempo – a época, a moda, a moral, a paixão. Sem esse segundo elemento, que é como que a envoltura deleitável, provocante, apetitosa do divino manjar, o primeiro elemento seria indigerível, imperceptível, pouco adequado e pouco apropriado à natureza humana (BAUDELAIRE, 2010, p. 19).

O belo é composto pelo eterno e pelo circunstancial. Ao produzir poesia, mesmo afundado no tédio, esse também parece ter uma natureza dupla de ser “capaz de empurrar, mas também de derrubar”. O poeta expressa sua situação – situação de homem moderno –, o seu caráter enquanto adoentado pelo tédio e sua tentativa constante de conseguir a cura, porém, apenas existem tratamentos paliativos. Nessa expressão, o belo estético vem à tona, mesmo através da denúncia de sentimentos e sensações “terríveis e pecaminosas”, sem esse elemento real, tampouco vale o eterno.

5. CONCLUSÃO

A poesia de Baudelaire é uma leitura que retrata, de maneira visceral, a situação do homem moderno. Esse homem acometido em seu ser pelo *spleen*, não percebe sentido em nada. O tempo o esmaga e a sensação profunda de morte não o abandona, mas também não lhe dá alívio. Mas, da necessidade de fuga, mesmo incapaz de sucesso perene, o homem se afunda num universo diverso de sensações e estímulos intensos, alguns mais danosos e perigosos e outros mais seguros e efetivos.

A poesia é uma das terapias mais suaves e a que produz mais beleza estética, mesmo nutrida por um solo doente, uma flor ainda é uma flor e a ideia de beleza associada a ela permanece: eis as flores do mal de Baudelaire.

Em suma, diferentemente das considerações acerca da melancolia na antiguidade e medievo que decorriam respectivamente de fatores fisiológicos ou da existência religiosa, a melancolia enquanto *spleen* é uma condição histórica que afeta o ser do homem moderno. A perda da certeza religiosa, a maior autonomia do indivíduo e o advento da subjetividade contribuíram para a construção da atmosfera moderna em que Baudelaire se encontra. Uma atmosfera que revela o lado doentio da modernidade, a angústia da consciência do tempo, a falta de sentido

decorrente da saturação da liberdade, a promessa de elevação e o desencanto inevitável em relação ao ideal, a poesia de Baudelaire é um sintoma da enfermidade moderna.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. São Paulo: Penguin Companhia, 2019.

_____. **O spleen de Paris: pequenos poemas em prosa**. São Paulo: Editora 34, 2020.

_____. **O pintor da vida moderna**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **Paraísos artificiais**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

LUIS HENRIQUE SANTOS RIBEIRO

<https://lattes.cnpq.br/5015963385531705>